

Liliane Camargos

**Quando ver é saber:
O desejo de saber e sua articulação com a pulsão escópica**

Monografia apresentada ao Programa de Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Psicologia.
Orientador: Prof. Dr. Fábio R. R. Belo

Belo Horizonte
2014

Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas
Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica

Monografia intitulada de autoria da aluna Liliane Camargos, _____ com a nota
_____ pela banca examinadora constituída pelos seguintes professores:

AGRADECIMENTOS

Gostaria de registrar minha enorme gratidão ao corpo docente do Curso de Especialização em Teoria Psicanalítica pela enriquecedora oportunidade e, especialmente, ao Prof. Fábio Belo pela carinhosa acolhida e inestimável orientação.

RESUMO

Procuramos definir o que seria a pulsão epistemofílica de acordo com Freud, identificar onde ela é apresentada por ele em sua obra e, paralelamente, apontar qual sua relação com a pulsão escópica. É retomado, ainda, nosso trabalho *Do ver ao perder de vista: A psicanálise do olhar*, para demonstrar mais detalhadamente essa relação entre as pulsões deduzida a partir da leitura de Freud. Com uma análise do complexo de Édipo e das lembranças encobridoras, é problematizada a comum leitura de que o ver significa saber, e demonstrado como ela pode ser limitada. Por fim, fazemos uma análise do filme “The final cut” para ilustrar o raciocínio construído.

Palavras-chave: pulsão epistemofílica, pulsão escópica, complexo de Édipo, lembranças encobridoras, “The Final Cut”.

Abstract

We try to define what epistemophilic drive would be according to Freud, to identify where it is presented in his work and to point what is its relation with scopic drive as well. We refer to our previous work "*Do ver ao perder de vista: A psicanálise do olhar*", to demonstrate in more detail this relation between the drives deduced from the studying of Freud. Analyzing Oedipus Complex and Screen Memories, it is discussed the aspect that seeing means knowing and demonstrated how it is incomplete. Finally, we analyze "The final cut" movie to illustrate the developed reasoning.

Keywords: epistemophilic drive, scopic drive, Oedipus Complex, Screen Memories, "The final cut"

SUMÁRIO

Capítulo 1	5
1.1 O desejo de saber e sua articulação com a pulsão escópica a partir da obra de Freud	5
1.2 O desejo de saber e sua articulação com a pulsão escópica em “Do ver ao perder de vista: A psicanálise do olhar”	18
Capítulo 2	23
2.1 Não ver para não saber: Édipo e o recalque	23
2.2 Ver para não saber: Lembranças encobridoras	25
Capítulo 3	29
3.1 “The final cut:” ver para saber o que se sabe sem querer ...	29
Discussão	34
3.2 Ver para saber diferente: Analista ou Editor?	39
3.3 Sorria, você está sendo filmado!	40

Capítulo 1

1.1 O desejo de saber e sua articulação com a pulsão escópica a partir da obra de Freud

Quando mencionamos o termo pulsão epistemofílica, não raro, causamos estranheza em nosso interlocutor. O mesmo se dá com relação à pulsão escópica. São termos aparentemente complicados, mas de fácil compreensão quando esclarecidos de forma adequada. Definir o que seria a pulsão epistemofílica de acordo com Freud, identificar onde ela é apresentada por ele em sua obra e, paralelamente, apontar qual sua relação com a pulsão escópica, são objetivos centrais deste trabalho.

Nosso estudo se iniciou com a procura da definição de pulsão epistemofílica/desejo de saber no Vocabulário de Psicanálise, de Laplanche e Pontalis. Essa pesquisa serviria como uma orientação para vasculharmos a obra de Freud em busca das respostas para as questões que nos colocamos. Fomos, porém, surpreendidos ao constatar a ausência de um verbete específico para o conceito dessa modalidade pulsional.

Procedemos, então, à pesquisa pela obra de Freud, por meio de busca eletrônica (CD-ROM) pelos termos instinto ou pulsão epistemofílica, instinto ou pulsão de saber, desejo de saber ou epistemofílico. Foram poucas as ocorrências desses termos no sentido procurado. Mais uma vez fomos surpreendidos, mas agora ao constatar em nossa releitura que nenhuma de suas ocorrências se dava no texto de 1915 “A Pulsão e seus Destinos”. Onde estaria, então, a pulsão epistemofílica na obra de Freud?

Finalmente, encontramos nosso tema tratado de forma sistematizada em partes específicas de dois livros de Freud e os tomaremos como base neste momento inicial de nosso

trabalho: *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade* (1905) e *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos* (1909).

Em 1905, em seu livro *Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, Freud vem preencher uma lacuna deixada até sua época pelos autores que estudavam o desenvolvimento humano ao se propor a falar sobre a sexualidade infantil, no segundo dos ensaios. É também nessa obra que Freud introduz o conceito de pulsão.

Encontramos a definição de pulsão epistemofílica no item cinco “A Investigação Sexual Infantil”, no subitem “Pulsão de Saber”. De acordo com Freud, a pulsão de saber é uma modalidade pulsional que surge relativamente tarde na vida dos seres humanos, não pode ser tomada como um componente pulsional elementar, não está inteiramente subordinada à sexualidade e apresenta relação marcante com dois outros tipos de pulsão: a pulsão de dominação e a pulsão escópica. Chamamos a atenção do leitor para essa correlação com a pulsão escópica explicitada por Freud pela primeira vez nesse momento. Ao longo desse trabalho mostraremos outras situações em que a mesma correlação pode ser inferida.

Ao mesmo tempo em que a vida sexual da criança chega a sua primeira florescência, entre os três e os cinco anos, também se inicia nela a atividade que se inscreve na pulsão de saber ou de investigar. Essa pulsão não pode ser computada entre os componentes pulsionais elementares, nem exclusivamente subordinada à sexualidade. Sua atividade corresponde, de um lado, a uma forma sublimada de dominação e, de outro, trabalha com a energia escopofílica. (FREUD, 1905, P. 183)

Apesar de Freud dizer que a pulsão epistemofílica não está subordinada exclusivamente à sexualidade, ele demonstra, a nosso ver, como elas possuem uma forte relação quando, por exemplo, afirma que o desejo de saber pode ser despertado pelo interesse sexual, como fica evidente no trecho abaixo:

Suas relações com a vida sexual entretanto, são particularmente significativas, já que constatamos pela psicanálise que, na criança, a pulsão de saber é atraída, de maneira insuspeitadamente precoce e inesperadamente intensa, pelos problemas sexuais, e talvez seja até despertada por eles. (FREUD, 1905, p. 183)

Logo na sequência da exposição feita por Freud em 1905, apesar de não mais se tratar de divisões do item “Pulsão de Saber”, são explicitadas uma série das questões que despertam o interesse das crianças - típicas manifestações da pulsão epistemofílica – as respostas que elas dão às suas investigações, além de seus desdobramentos. São sistematizadas, então, as conhecidas Teorias Sexuais Infantis.

A primeira investigação que mobiliza as crianças é aquela responsável pela teoria de onde viriam os bebês, questão que antecede inclusive a interrogação sobre a diferença anatômica entre os sexos. Freud falará sobre ela no subitem “O Enigma da Esfinge”.

O primeiro problema de que ela se ocupa, em consonância com essa história do despertar da pulsão de saber, não é a questão da diferença sexual, e sim o enigma; de onde vêm os bebês? Numa distorção facilmente anulável, esse é também o enigma proposto pela Esfinge de Tebas. Ao contrário, o fato de existirem dois sexos é inicialmente aceito pela criança sem nenhuma rebeldia ou hesitação. Para o menino, é natural presumir uma genitália igual à sua em todas as pessoas que ele conhece, sendo-lhe impossível conjugar a falta dela com sua representação dessas outras pessoas. (FREUD, 1905, 183-4)

Curioso notarmos que, ao introduzir esse questionamento infantil sobre a origem dos bebês, Freud destaca uma questão prática - o medo de perder o amor dos pais – o que desperta o interesse, o desejo de saber, o raciocínio da criança.

Não são interesses teóricos, mas práticos, que põem em marcha a atividade investigatória na criança. A ameaça trazida para suas condições existenciais pela chegada conhecida ou

suspeitada de um novo bebê, assim como o medo de que esse acontecimento traga consigo a perda de cuidados e de amor, tornam a criança pensativa e perspicaz. (FREUD, 1905, p. 183)

Nos subitens em sequência teremos mais exemplos de teorias sexuais infantis, cujo despertar e desenvolvimento podem ser consideradas ilustrações da íntima relação entre o desejo de saber e a pulsão escópica - como explicitado na definição de pulsão epistemofílica transcrita acima. A “percepção” das alterações do corpo feminino durante a gravidez, o “assistir” à relação sexual dos pais, a “observação” do pênis perdido pelas mulheres que inaugura o Complexo de castração e inveja do pênis, são alguns exemplos de expressões utilizadas por Freud que demonstram a intrínseca permeabilidade entre ambas as modalidades pulsionais. Além dessas, as “Teorias do nascimento”, a necessidade de se explicar o que se trata a relação sexual - de onde surgem teorias sádicas - também partem de uma observação perceptiva. Podemos perceber como o desejo no olhar¹ se mescla e se confunde cada vez mais com o desejo de saber.

Essa vinculação entre as pulsões pode também ser inferida no item quatro “As Manifestações Sexuais Masturbatórias”, no subitem sobre as pulsões parciais, parte do texto que antecede a definição de pulsão de saber. Nessa ocasião Freud fala sobre a pulsão escópica que se manifesta no desejo de exibição do corpo desnudo e encontra uma contrapartida na curiosidade de ver o corpo do outro.

A criança pequena é, antes de mais nada, desprovida de vergonha, e em certos períodos de seus primeiros anos mostra

¹ Essa será uma das poucas vezes que utilizaremos a palavra “olhar”. No restante do texto mantivemos também a palavra “ver” por ser a mais presente em nossa tradução da obra de Freud. Preferimos o verbo “olhar” por termos definido anteriormente essa como sendo a melhor palavra a se utilizar ao querer falar sobre a pulsão escópica que necessita da compreensão de um “ver ampliado” que, por sua vez, engloba outros sentidos além do visual (CAMARGOS, L. As implicações do olhar na metapsicologia da pulsão escópica. In: *Do ver ao perder de vista: a psicanálise do olhar*. Petrópolis: KBR editora, 2012).

uma satisfação inequívoca no desnudamento do corpo, com ênfase especial nas partes sexuais. A contrapartida dessa inclinação tida como perversa — a curiosidade de ver a genitália de outras pessoas — provavelmente só se torna manifesta um pouco mais tarde na infância, quando o obstáculo do sentimento de vergonha já atingiu certo desenvolvimento. (FREUD, 1905, p. 181)

Desenvolver um interesse, ter curiosidade, voltar a atenção, são termos que dizem mais sobre o desejo de saber do que sobre o desejo de ver pura e simplesmente. Mesmo que o primeiro momento da pulsão escópica se dê, como diz Freud no trecho que destacamos logo abaixo, de forma “espontânea”, ou “autoerótica²”, seu desenvolvimento demonstra uma dependência da pulsão de saber.

Sob a influência da sedução, a perversão de ver pode alcançar grande importância na vida sexual da criança. Entretanto, minhas investigações da meninice tanto de pessoas sadias quanto de doentes neuróticos forçam-me a concluir que a pulsão de ver pode surgir na criança como uma manifestação sexual espontânea. As crianças pequenas cuja atenção foi atraída, em algum momento, para sua própria genitália — geralmente pela masturbação — costumam dar o passo adicional sem ajuda externa e desenvolver um vivo interesse pelos genitais de seus coleguinhas. Dado que as oportunidades de satisfazer tal curiosidade em geral só se apresentam quando da satisfação das duas necessidades excrementícias, tais crianças tornam-se voyeurs, zelosos espectadores da micção e da defecação de outrem. (FREUD, 1905, p. 181)

A “curiosidade de ver” é uma expressão importante que se repete ao longo do Segundo Ensaio. Ela ilustra, como dissemos acima, a mescla entre a pulsão epistemofílica e a escópica. Não temos a palavra “ver” sozinha, muito menos “curiosidade”, temos “curiosidade de ver”. Essa interrelação que se inaugura em momentos precoces, pensamos, não poderá mais ser desfeita e por isso permanece no que diz respeito inclusive à formação de sintomas relativos a ambas. Apostamos, portanto, na hipótese de que elas surgiriam praticamente juntas.

² Discordamos da afirmação de Freud de que a pulsão escópica seja autoerótica em suas origens. Consideramos, porém, que a apresentação de tal discussão destoaria dos objetivos que traçamos para o presente trabalho.

Uma vez sobrevivendo o recalçamento dessas inclinações, a curiosidade de ver a genitália alheia (seja do mesmo sexo ou do sexo oposto) persiste como uma pressão torturante, que em muitos casos de neurose fornece, posteriormente, a mais poderosa força impulsora para a formação do sintoma. (FREUD, 1905, p.181)

Com o intuito de trazermos informações relevantes sobre a pulsão epistemofílica, devemos, ainda, destacar mais alguns desdobramentos apontados por Freud. Como dito acima, não mais estamos no diminuto subitem “A Pulsão de Saber”, mas percebemos que ela será abordada até que Freud mude de item. Em “A Concepção Sádica da Relação Sexual”, Freud nos mostra como a construção da teoria sexual infantil sobre as relações sexuais como algo sádico pode acarretar num posterior deslocamento sádico do alvo sexual.

Quando as crianças em tão tenra idade assistem à relação sexual entre adultos, o que é ensejado pela convicção dos mais velhos de que a criança pequena não pode entender nada de sexual, elas não podem deixar de conceber o ato sexual como uma espécie de sevícia ou subjugação, ou seja, de encará-lo num sentido sádico. A psicanálise também nos permite verificar que uma impressão dessa natureza na primeira infância contribui em muito para a predisposição a um deslocamento sádico posterior do alvo sexual. Ademais, as crianças se ocupam muito com o problema de saber em que consiste a relação sexual, ou, como dizem elas, em que consiste ser casado, e costumam buscar a solução do mistério em alguma atividade conjunta proporcionada pelas funções de micção ou defecação. (FREUD, 1905, p. 185)

Devemos destacar ainda uma situação exemplar que pode ser provocadora de sintomas relacionados à pulsão de saber digna de nota. Apesar das crianças demonstrarem uma compreensão maior do que aquela que os adultos esperariam sobre os processos sexuais, elas ainda assim fracassam em suas teorias. Esse fracasso pode deixar sequelas, como explicitado em “O Fracasso Típico da Investigação Sexual Infantil”, momento em que Freud aponta a

possibilidade de haver prejuízos para a pulsão de saber, de certo isolamento e perda de confiança nos adultos.

(...) os esforços do pequeno investigador são geralmente infrutíferos, e acabam numa renúncia que não raro deixa como seqüela um prejuízo permanente para a pulsão de saber. A investigação sexual desses primeiros anos da infância é sempre feita na solidão; significa um primeiro passo para a orientação autônoma no mundo e estabelece um intenso alheamento da criança frente às pessoas de seu meio que antes gozavam de sua total confiança. (FREUD, 1905, p. 185-6)

No item sete “As Fontes da Sexualidade Infantil” destacamos outro enfoque relativo à sexualidade e à pulsão epistemofílica. De acordo com Freud, a energia dos processos afetivos intensos, inclusive os assustadores, propagam-se para a sexualidade - ou, diríamos, seriam parasitados por ela –, assim, a tensão provocada por tarefas escolares pode propiciar a irrupção de manifestações sexuais. Uma conclusão seria a de que o desabrochar da sexualidade pode estar relacionado com uma fase da criança de muitos questionamentos.

Invertendo o raciocínio de que a sexualidade pode ser responsável pelo desabrochar do desejo de saber³, inferimos, o que será explicitado por Freud também nesse livro, que o trabalho intelectual poderia se configurar como uma forma de busca pela excitação sexual. Seria, portanto, outra maneira para se atingir essa mesma excitação sexual assim como a busca por sensações desprazerosas. No subitem “Processos Afetivos” encontramos:

É fácil demonstrar, tanto pela observação contemporânea quanto pela investigação posterior, que todos os processos afetivos mais intensos, inclusive as excitações assustadoras, propagam-se para a sexualidade, o que, aliás, pode contribuir para a compreensão do efeito patogênico de tais abalos anímicos. Nos escolares, o pavor de fazer uma prova ou a tensão diante de uma tarefa difícil de solucionar podem ser

³ No presente caso, assim como em outros ao longo do texto, não nos parece que a utilização do termo pulsão epistemofílica seria o mais adequado. Como dissemos acima, consideramos que essa teria seu aparecimento em momentos mais precoces. O trabalho intelectual seria um alvo da pulsão sexual e não ela propriamente dita.

importantes não só para seu relacionamento com a escola, mas também para a irrupção de manifestações sexuais, na medida em que, nessas circunstâncias, é muito frequente surgir uma sensação estimuladora que incita ao contato com a genitália, ou ainda um processo da natureza de uma poluição, como todas as suas conseqüências desconcertantes. O comportamento das crianças na escola, que propõe aos professores um número bastante grande de enigmas, merece, em geral, ser relacionado com o desabrochar de sua sexualidade. O efeito sexualmente excitante de muitos afetos que em si são desprazerosos, tais como a angústia, o medo ou o horror, conserva-se num grande número de seres humanos por toda a vida, e sem dúvida explica por que tantas pessoas correm atrás da oportunidade de vivenciar tais sensações, desde que haja apenas certas circunstâncias secundárias (a pertença a um mundo imaginário, à leitura ou ao teatro) para atenuar a gravidade da sensação desprazerosa. (FREUD, 1905, p. 192)

O trabalho intelectual pode produzir uma excitação sexual, e ser reforçado por isso. No subitem “Trabalho Intelectual” a inferência que fizemos logo acima fica clara. É assim possível entender como o trabalho intelectual excessivo pode se relacionar com sintomas neuróticos.

Por fim, é inequívoco que a concentração da atenção numa tarefa intelectual, bem como o esforço intelectual em geral, têm por conseqüência produzir em muitas pessoas, tanto jovens quanto adultas, uma excitação sexual concomitante, o que por certo constitui a única base justificável para a tão duvidosa prática de derivar as perturbações nervosas do “excesso de trabalho” intelectual. (FREUD, 1905, P. 193)

Procederemos agora ao estudo de outro livro de Freud no qual encontramos novos elementos para investigarmos a pulsão epistemofílica: *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos* (1909). No segundo item “Considerações teóricas”, subitem C “A Vida Instintual dos Neuróticos Obsessivos e as Origens da Compulsão e da Dúvida”, lemos a articulação de uma ideia muito valiosa no que diz respeito à pulsão de conhecimento e às origens da neurose obsessiva. Serão apresentadas características sobre as formas sintomáticas que o saber, o pensar e o trabalho intelectual podem assumir protagonizados pela pressão exercida pela pulsão epistemofílica.

Um sintoma típico da neurose obsessiva é caracterizado pelo não agir e a concomitante paralização nos atos preparatórios de pensamento: as chamadas ideias obsessivas, compulsivas. Esse sintoma resulta da busca, como típico em outros casos, por uma conciliação entre ideias conflitivas.

Ademais, mediante uma espécie de regressão, atos preparatórios ficam substituídos pela decisão final, o pensar substitui o agir, e, em lugar do ato substitutivo, algum pensamento que se lhe antecipa persevera com a força total da compulsão. Na medida em que essa regressão a partir do agir para o pensar fica mais marcada ou menos marcada, um caso de neurose obsessiva irá expor as características do pensar obsessivo (isto é, de ideias obsessivas), ou então do agir obsessivo no sentido mais estrito da palavra. Atos obsessivos verdadeiros, como estes, todavia só se tornam possíveis porque constituem uma espécie de reconciliação, na forma de um acordo, entre os dois impulsos antagônicos. (FREUD, 1909, p. 211)

Os atos obsessivos se aproximariam assim dos atos masturbatórios e autoeróticos da infância.

Pois os atos obsessivos tendem a se aproximar cada vez mais — e quanto mais tempo persistir o distúrbio, mais evidente este se torna — dos atos sexuais infantis de caráter masturbatório. Por conseguinte, nessa forma da neurose, os atos de amor são executados a despeito do que quer que seja e apenas com o auxílio de um novo tipo de regressão; porque tais atos já não mais se referem a uma outra pessoa, o objeto de amor e ódio, mas são atos auto-eróticos tais como ocorrem na tenra infância. (FREUD, 1909, p. 211)

Encontramos, também nesse texto, “o instinto sexual de olhar” e o de “conhecer” novamente associados. Nesse momento, Freud aponta como o desenvolvimento e recalçamento precoce de ambas as pulsões estariam na origem da neurose obsessiva, favorecendo o movimento regressivo repetidamente explicitado em outros trechos.

O primeiro tipo de regressão, aquela que parte do agir para o pensar, é favorecido por um outro fator de interesse no quadro de produção da neurose. As histórias de pacientes obsessivos revelam quase que invariavelmente um precoce desenvolvimento e uma repressão prematura do instinto sexual de olhar e conhecer [o instinto escopofílico e o instinto epistemofílico]. (FREUD, 1909, p. 211)

Haveria uma sexualização dos processos de pensamento, o prazer se deslocaria do conteúdo do pensamento para o próprio ato de se pensar e sua conclusão. A cisma seria o principal sintoma da neurose obsessiva.

Ali onde o instinto epistemofílico constitui um aspecto preponderante na constituição de um paciente obsessivo, a cisma se torna o sintoma principal da neurose. O processo de pensamento torna-se sexualizado, pois o prazer sexual que está normalmente ligado ao conteúdo do pensamento vê-se aplicado ao próprio ato de pensar, e a satisfação derivada do fato de se alcançar a conclusão de uma linha de pensamento é sentida como uma satisfação sexual. (FREUD, 1909, p. 211-212)

A energia que a princípio teria sua descarga na ação, extremidade motora do aparelho psíquico, é desviada para os pensamentos, por isso Freud fala sobre um movimento regressivo. Identificamos aqui o mesmo movimento regressivo descrito por Freud em 1900 quando constrói sua teoria sobre os sonhos e seu funcionamento dentro do aparelho psíquico. No caso dos sonhos um dos fatores que motivariam a regressão seria o fato do corpo estar adormecido e a extremidade motora do aparelho psíquico, fechada, por assim dizer. Já nos pensamentos obsessivos, o que impediria um impulso de chegar até sua extremidade motora seria um conflito de ideias com relação à ação, somado à força atrativa desempenhada pela pulsão epistemofílica sobre a energia que seria inicialmente descarregada no agir. Esse movimento regressivo ficará mais claro no trecho abaixo que citaremos, apesar de repetir ideias já expostas acima.

Nas variadas formas de neurose obsessiva nas quais o instinto epistemofílico desempenha determinado papel, a sua relação

com os processos de pensamento torna-o particularmente bem adaptado para atrair a energia que se esforça em vão por abrir caminho até a ação, e desviá-la para dentro da esfera do pensamento, onde existe uma possibilidade de obter satisfação prazerosa de uma outra natureza. Dessa forma, com o auxílio do instinto epistemofílico, o ato substituto pode, por seu lado, ser substituído por atos preparatórios do pensamento. Entretanto, uma protelação na ação logo é substituída por um persistir sobre pensamentos, e, finalmente, o processo inteiro, juntamente com todas as suas peculiaridades é transferido para a nova esfera, do mesmo modo como, na América, pode-se, às vezes, remover uma casa inteira, de um local para outro. (FREUD, 1909, p. 212)

Freud adjetiva, mais uma vez, a característica psicológica que marca os processos de pensamento da neurose obsessiva como “obsessivos” e “compulsivos”. O pensamento se torna obsessivo quando adquire força de uma ação, substituindo-a, por dispor da mesma energia que essa despenderia, não necessariamente em sua totalidade. Para finalizar esse rápido abordar sobre os sintomas obsessivos, reproduzimos o trecho abaixo que de certa forma resume o que Freud tratou sobre o assunto em 1909.

Um processo de pensamento é obsessivo ou compulsivo quando, em consequência de uma inibição (devida a um conflito entre impulsos oponentes) na extremidade motora do sistema psíquico, ele é levado a cabo com um dispêndio de energia que (no que concerne tanto à qualidade quanto à quantidade) está normalmente reservado unicamente para as ações; ou então, com outras palavras, um pensamento obsessivo ou compulsivo é aquele cuja função está em representar um ato regressivamente. Penso que ninguém questionará a minha suposição de que os processos do pensamento são de ordinário conduzidos (por motivos de economia) com menores deslocamentos de energia, provavelmente a um nível mais elevado [de catexia], do que os atos com que se pretende realizar a descarga ou modificar o mundo externo. (FREUD, 1909, p. 212)

Finalizando este momento introdutório, gostaríamos ainda de explicitar algumas questões, mencionar conclusões, dar destaque para algumas hipóteses que construímos até aqui, além de apontar estudos que desenvolveremos nos demais capítulos.

Depois de definirmos a pulsão epistemofílica e constatarmos que sua apresentação não é abundante na obra de Freud, nos perguntamos sobre as razões dessa escassa aparição. Pelo exposto até aqui, diríamos que essa é uma impressão que se desfaz ao nos atentarmos para o fato de que ela na realidade aparece disfarçadamente muito mais vezes, intimamente relacionada com outras pulsões – o que justifica a dificuldade de sua apreciação. Na verdade, então, ela não seria pouco abordada e sim estaria pulverizada em meio a outras modalidades pulsionais, como é o caso da escópica.

A pulsão epistemofílica seria, em nossas palavras, a pressão que mobiliza os seres humanos a querer saber sobre si e sobre o mundo, a conhecer o seu redor, a utilizar sua razão e inteligência e não pode ser confundida com atos como o pensar, o questionar - típicos alvos ou objetos por meio dos quais a pulsão atinge sua finalidade.

Outra conclusão é a de que é sim possível afirmar que há uma relação entre a pulsão escópica e a epistemofílica. Essa relação é explicitada em diferentes momentos na obra de Freud e, a partir dela, deduzimos que as duas pulsões surgiriam praticamente juntas. Assim, no caso da pulsão de saber, supomos que sua aparição se daria bem mais cedo na vida dos seres humanos do que afirmou Freud em 1905, ou seja, antes dos três ou cinco anos. Hipótese que levantamos ainda é a de que a pulsão epistemofílica seria - assim como consideramos com relação à escópica - resultante de uma sedução⁴, no caso, de uma sedução a saber, e, portanto, marcada por uma passividade inicial anterior à vertente ativa, por exemplo, do investigar das Teorias Sexuais Infantis. A partir de agora, aprofundaremos com base em outros textos a correlação que começamos a estabelecer entre a pulsão escópica e a epistemofílica.

⁴ Fazemos aqui referência à Teoria da Sedução Generalizada de Jean Laplanche.

1.2 O desejo de saber e sua articulação com a pulsão escópica em “*Do ver ao perder de vista: A psicanálise do olhar*”

Em nosso trabalho *Do ver ao perder de vista: A psicanálise do olhar* (2012) falamos sobre o modo como a Psicanálise teoriza e faz uso do olhar em suas várias dimensões e como ele pode tomar diversas formas: vinculado aos olhos, demonstramos como aparece como percepção, e sinônimo para todos os sentidos; vinculado ao modo de interação do ser humano com seus mundos, incluindo o psíquico, se apresenta como ampla metáfora, revelando-se, verdadeiramente, como a janela da alma.

Fizemos um estudo da teoria dos sonhos e da pulsão escópica, da teoria que versa sobre a constituição do sujeito, da técnica psicanalítica, do movimento de constituição da Psicanálise e, rapidamente, da teoria do recalque, do complexo de Édipo e da castração, delimitando onde o olhar se apresenta por um lado, como percepção e, por outro, como algo constitutivo do psiquismo. Além de descrever, procuramos entender o motivo da presença marcante do olhar em todos esses aspectos. Apontamos “uma visualidade que em suas elaborações teóricas é colocada em destaque por Freud, principalmente quando este fala sobre os sonhos, considerados a maior referência do pensamento visual”. (CAMARGOS, 2012, p. 167)

Retomaremos agora um pouco do construído sobre a pulsão escópica e seu desenvolvimento, para demonstrarmos como a pulsão epistemofílica se insere, sem que o percebêssemos, em nossas conclusões. Um dos aspectos centrais em nosso trabalho foi o questionamento com relação à proposta de Freud sobre o desenvolvimento para a pulsão escópica. A crítica feita partiu da sequência freudiana que se inicia em um momento de atividade originária que pressupõe um olho que sabe interpretar desde as origens as imagens que lhe chegam. Explicitamos o fato de que o ser humano deve aprender a ver, deve

desenvolver seu aparelho óptico para poder usá-lo, e, por outro lado, evidenciamos a constatação de que pessoas cegas possuem pulsão escópica. Diferentemente do apresentado por Freud em 1915, sugerimos como ponto de partida uma fase marcada pela passividade, fase que antecederia até mesmo à vertente passiva pulsional exibicionista. Aplicamos a teoria de Laplanche sobre a situação originária, apoio e sedução generalizada, - detalhada por ele com relação à pulsão sadomasoquista - no desenvolvimento da pulsão escópica. Formulamos, portanto, o que se segue sobre as origens da pulsão escópica:

Do adulto para a criança, se apresenta o domínio sexual. Temos um psiquismo mais rico do que o dela, em que está presente a pulsão escópica — que assumirá uma posição ativa. Temos mensagens enigmáticas relacionadas a seu prazer em ver e em ser visto, que, sem que ele saiba, serão transmitidas por esse adulto desejante, dotado de um inconsciente, e recebidas e simbolizadas pela criança, na medida de suas possibilidades — tanto psíquicas quanto biológicas. São mensagens resultantes de “operações falhas”, provenientes do recalco do adulto e, por seu caráter desviante enigmático, sedutoras. O resto dessa operação simbólica (significantes verbais e não-verbais sobre a visão, impregnados de significação sexual, que deverão ser traduzidos pela criança), diferença entre o que é simbolizável e o que não é, dará origem aos protótipos inconscientes que passarão a fazer uma exigência constante de trabalho — servirão de “objetos-fontes” ou, simplesmente, de fontes para a pulsão escópica. (CAMARGOS, 2012, p. 139)

Concluimos, então, “que uma criança, mesmo cega, quando criada em um mundo vidente, aprende a olhar numa relação interativa, considerando seu plano autoconservativo, mas que ela é seduzida a olhar numa relação nada recíproca, quando falamos de seu plano sexual.” (CAMARGOS, 2012, p. 139) Destacamos abaixo um pouco mais sobre o olho como um lugar de apoio:

O olho (funcione ou não), a ação de ver e ser visto, assim como todos os órgãos que incluem o olhar, se tornam zonas erógenas quando, de um lugar de troca e de localização dos cuidados maternos, passam a ser, pela implantação de algo externo ao funcionamento endógeno do organismo, lugares de

fantasias inconscientes — objetos do psiquismo clivado do adulto —, ou seja, passam a servir de apoio para a pulsão escópica. (CAMARGOS, 2012, p. 139-40)

Demos, como mencionado acima, bastante destaque ao momento de passividade inerente aos primórdios do surgimento da pulsão escópica. No trecho seguinte fazemos um paralelo entre a estimulação do ver de um olho débil, aos poucos contaminado por imagens, com a apresentação dos sentidos que vão sendo veiculados sobre esse ato. A curiosidade da criança para que ela veja é implantada pelo adulto juntamente com o ver propriamente dito: fazemos, da mesma forma que o exposto na parte inicial deste trabalho quando abordamos puramente a obra de Freud, uma nítida mistura entre o ver e o desejo de saber sobre o que é visto.

Refletindo, assim, sobre a teoria do apoio, poderíamos até perceber certa atividade inicial do olho no desenvolvimento da pulsão escópica. Essa atividade, porém, não poderia ser chamada de sexual, e não seria ainda a pulsão escópica propriamente dita. Portanto, esse momento estaria situado no plano autoconservativo do sujeito, e não no plano da sexualidade. Localizamos aí o despreparo da criança, que abrange um despreparo tanto biológico, de um olho que não sabe enxergar, quanto psíquico, de sentidos vinculados ao ato de ver, que serão recebidos passivamente. (CAMARGOS, 2012, p. 120)

A mesclagem entre as vias afetivas do ver e do impulso a saber está presente em várias outras partes de nosso raciocínio. Quando buscamos traçar os rumos da pulsão escópica, intercalamos os elementos dessa pulsão com os da epistemofílica. Utilizamos expressões como “ensinar a ver”, “aprender a ver”, “transmissão de significados”. Alguns exemplos:

Apenas quando nessa atividade vital encontrar-se um outro que ensine essa criança a ver — um outro que transmita seus significados, inclusive os inconscientes, de ver e ser visto, que dê nome aos objetos e às pessoas, que implante a sexualidade por meio de mensagens enigmáticas e sedutoras

—, aí, sim, poderemos falar em pulsão escópica.
(CAMARGOS, 2012, p. 120)

Outro momento:

(...) o desenvolvimento da pulsão escópica deve ter sua origem no outro que olha, que percebe a existência de um sujeito que se mostra. Num primeiro momento, se mostra sem sabê-lo, pois são os outros que o percebem. Quando for introduzido nesse circuito afetivo, passará a querer ser percebido, notado e reconhecido como objeto de amor, podendo se exhibir. Aí, sim, entenderá a “função” de seus olhos, funcionem eles ou não. (CAMARGOS, 2012, p. 107-8)

Demonstramos como, paralelamente ao necessário amadurecimento do sistema visual, se daria a implantação do impulso pelo saber, pelo conhecimento, de forma integrada à visão.

Tudo isso não ocorre pela via unicamente visual. Aliás, supomos que, inicialmente, o desenvolvimento da pulsão escópica não se dá exclusivamente pelo olho, nem muito menos pela visão. Até que tenha aprendido a ver, uma criança não é capaz de enxergar e entender, como um adulto vidente, o que é um seio, o que é um rosto, o que é um órgão seu ou de seus pais.

Partindo de Freud e considerando nossas construções teóricas sobre a pulsão escópica, resta-nos ainda mais evidente como o ver se desenvolve acompanhado do sentido da visão, o que inclui o impulso a saber sobre as coisas vistas. Na medida em que vamos sendo conduzidos libidinalmente pelo outro a conhecer através do ver, essa dobra se instala naturalmente. Aos poucos o desejo de saber recobrirá e se intercalará ao desejo de ver: o ver passará a significar saber e o saber exigirá o ver.

Supomos, portanto, um tipo de colonização existente entre o desejo de saber e o desejo de ver, e podemos deduzir como andam juntos, sem conflitos tanto do ponto de vista libidinal como do ponto de vista teórico. O ver e o desejo de saber sobre as coisas vistas são processos

quase indissociáveis e difíceis de serem evidenciados separadamente. Uma pessoa cega ou vidente será banhada no mundo escópico também pela via epistemofílica. Ela desejará saber sobre o significado de ver. Por outro lado, lembramos, a via escópica originária e anterior se dá para ambos, pois todos, desde a origem, são vistos.

Uma análise apressada dessa sobreposição pode também ocultar um tensionamento que precisa ser problematizado: Se eu vejo para saber, se eu desejo saber e, para isso, busco ver, posso evitar saber deixando de ver? O ver pode ser traumático a ponto de impedir o saber? Eis os próximos passos que perseguiremos. Contemplaremos, por exemplo, interseções menos explícitas que aparecem em temas tratados por Freud tais como: a punição escolhida por Édipo de se cegar para não saber sobre seus atos e o tipo de saber proporcionado pelo ver das lembranças encobridoras.

Capítulo 2

2.1 Não ver para não saber: Édipo e o recalque

Com base em nossa análise (2012) - parcialmente resumida neste trabalho - podemos afirmar que, para Freud, a visão e o deixar de ver estão intimamente relacionados à constituição do psiquismo. Subsidiária a esta constatação, está a leitura de que o ato de cegar-se, de ser cegado, pode ser metaforicamente associado ao não saber, à punição por um saber, uma punição substituta da castração.

Quando investigamos o mito do Rei Édipo (2012), destacamos como Freud estabelece uma ligação entre o complexo de castração e o comum medo de se perder os olhos e a visão, correlação mencionada em seu artigo “O estranho”, de 1919. Subjacente ao recalque estaria a recusa ou despreparo em ver. Aproximamos, então, o ato de Édipo de cegar-se ao efeito pretendido pelo recalque. Com Freud temos um Édipo que cegou-se para tentar não saber sobre o que fizera, como se pudesse promover um recalque tardio, houvesse encontrado uma forma de eliminar seus desejos incestuosos.

Estarrecido ante o ato abominável que praticara, Édipo fecha seus olhos. Fura seus olhos na tentativa de não ver o que fizera, de esquecer e não mais saber de seu desejo. Não é este o efeito do recalque e da cegueira histérica? (...) Fechamos nossos olhos e somos salvos pelo recalque, evitando a tragédia pela qual Édipo passou. A cegueira de Édipo foi tardia. Cegamo-nos antes de literalmente cometer os crimes que ele cometera, apesar de havermos desejado cometê-los. Ao ver, perceber e saber, por meio de uma conotação moralizante adquirida a posteriori, que certos desejos são reprováveis, essa constatação se torna uma ameaça que aponta para a perda do carinho e do amor dos pais. (CAMARGOS, 2012, p. 153-4)

O comum medo de se ficar cego atesta, como afirma Freud, o complexo de castração, que desempenha grande importância na vida mental dos neuróticos. Segundo ele, apesar de racionalmente podermos apenas considerar que a perda de um órgão precioso como o olho pudesse, por si só, despertar um temor proporcional à sua importância, deveríamos também considerar a relação substitutiva entre o olho e o órgão masculino verificável nos sonhos, nos mitos e nas fantasias. Dessa forma, ele nos diz que a ameaça de ser castrado excita de modo especial uma emoção particularmente violenta e obscura, e esta emoção é a responsável pelo intenso colorido da idéia de perder outros órgãos.

O raciocínio que relaciona o não ver para não saber está posto: “eu não sabia, não sabia... quando eu soube, tive que metaforicamente me cegar”. Eu me cego para simbolizar o que eu não deveria saber. Nesse mesmo viés está nossa análise da cegueira histérica (2012) que se embasa na descrição de um movimento semelhante de ter o não ver perceptivo em busca de um não saber sobre um desejo: um saber passível de representação pelo visível.

Em outras palavras, a correlação estabelecida pela leitura do Édipo e reafirmada pela análise do sintoma da cegueira histérica é clara: eu vi demais e me ceguei. O não ver para não saber reflete uma negatividade, a necessidade de se tirar algo percebido para se eliminar algo sabido.

Haveria outro percurso libidinal possível? E se considerássemos uma torção deduzida também por meio da leitura de Freud: a necessidade de ver imagens visuais e lembranças funcionando como uma estratégia para não saber. Teríamos, então, o ver assumindo justamente uma dimensão recalcante: o ver para não saber e não o não ver para não saber. Contemplamos assim uma positividade em que algo é colocado e não retirado: Eu ter visto demais não me fez eliminar, mas sim criar, fantasiar, imaginar, em vez de saber. Produzo saber em vez de não saber.

2.2 Ver para não saber: Lembranças encobridoras

O visto é confundido com o que é real, correto, factível. Como vimos demonstrando, essa dobra implantada desde momentos precoces de nosso desenvolvimento psíquico nos parece inerente a um mundo escópico. Não por acaso encontramos na linguagem cotidiana expressões como “estar cego” para se referir a algo que não se quer saber, não se percebe; “fazer vistas grossas” quando queremos dizer que alguém finge não saber de alguma coisa, dentre inúmeras outras onde o verbo ver substitui o verbo saber/crer.

Indagamos, então, se não seria ainda mais eficaz para mecanismos recalcentes, em vez do esquecimento de vivências/pensamentos conflitivos, a recuperação de um substituto insignificante pela construção e vivência⁵ de uma lembrança distorcida - posto que recoberta de autenticidade - que encubra o desejo conflitivo. Lembrar de algo que não ocorreu: chegamos às lembranças encobridoras funcionando como instrumentos do recalque num movimento em que o ver é empregado para o não saber.

O dar-se-a-ver algo para ocultar algo que deveria ser visto/sabido está presente em Freud quando introduz o conceito de lembranças encobridoras em 1899 em seu texto “Lembranças encobridoras”. Ele aponta a desproporcionalidade entre a quantidade de lembranças recordadas da infância e a importância que as vivências dessa época têm em nossa vida psíquica. Curioso é ainda mais o fato de que, em meio a tantas experiências significativas, normalmente atestadas pelos adultos que cuidaram da criança, há pessoas, como vários de seus

⁵ Reconhecemos nessa estratégia a mesma justificativa que construímos para explicar a necessidade da representabilidade em imagens visuais dos sonhos que precisam ser alucinados e vividos como experiências reais

pacientes, que se recordam de coisas irrelevantes e cotidianas, vivências infantis, aparentemente, destituídas de significados dignos de uma lembrança.

Nessa época se refere a um tipo de lembrança retomada a partir de uma experiência conflitiva posterior a ela e que encontra na representação infantil um meio para burlar a censura e se manifestar⁶.

Em sua análise, Freud cita justificativas para a banalidade de tais lembranças. Por exemplo, seriam dotadas de importância para uma criança, posto que irrelevantes para um adulto: são coisas bem distintas que despertam o interesse das crianças e dos adultos. Demonstra, por outro lado, como tal esquecimento não pode ser explicado por um caráter rudimentar das atividades mentais infantis. Enfatiza, portanto, o significado que tais lembranças possuem ao servirem como uma forma disfarçada de manifestação de conteúdos inconscientes e recheadas de significados.

Freud insiste nas íntimas relações entre o material psíquico das neuroses e a vida mental das crianças. Aproxima, assim, o mecanismo que determina o esquecimento de lembranças infantis à mecanismos neuróticos. Nos adultos normais, o esperado seria se recordarem de algo quanto maior fosse a importância psíquica desse evento. Esquecer um fato que tenha uma importância psíquica seria, portanto, característico de certos estados patológicos, como o que ocorre com os histéricos que se esquecem dos acontecimentos que deram origem à sua doença.

Descreve, ainda, os mecanismos envolvidos nesse processo e responde à pergunta de por que o irrelevante é recordado em detrimento do importante. Em suas palavras:

Devemos primeiro indagar por que se suprime precisamente o que é importante, retendo-se o irrelevante; e não encontraremos uma explicação para isso enquanto não

⁶ Destacamos aqui como esse mecanismo se assemelha ao que ocorre na formação dos sonhos com os restos diurnos que somente adquirem uma importância ao encontrar uma ressonância em desejos inconscientes.

tivermos investigado mais a fundo o mecanismo desses processos. Verificaremos então que há duas forças psíquicas envolvidas na promoção desse tipo de lembranças. Uma dessas forças encara a importância da experiência como um motivo para procurar lembrá-la, enquanto a outra — uma resistência — tenta impedir que se manifeste qualquer preferência dessa ordem. Essas duas forças opostas não se anulam mutuamente, nem qualquer delas predomina (com ou sem perda para si própria) sobre a outra. Em vez disso, efetua-se uma conciliação, numa analogia aproximada com a resultante de um paralelogramo de forças. E a conciliação é a seguinte: o que é registrado como imagem mnêmica não é a experiência relevante em si — nesse aspecto, prevalece a resistência; o que se registra é um outro elemento psíquico intimamente associado ao elemento passível de objeção — e, nesse aspecto, o primeiro princípio mostra sua força: o princípio que se esforça por fixar as impressões importantes, estabelecendo imagens mnêmicas reprodutíveis. (FREUD, 1899, p.290)

O resultado do conflito é a produção de uma imagem mnêmica associativamente deslocada da imagem mnêmica justificada pelo evento original. São suprimidos os elementos importantes que suscitaram objeção. A razão de sua retenção está na relação do irrelevante rememorado com o conteúdo suprimido.

As lembranças infantis seriam mais um caso em que um conteúdo psíquico aparece em lugar de outro, e “os elementos essenciais de uma experiência são representados na memória pelos elementos não essenciais da mesma experiência. Trata-se de um caso de deslocamento para alguma coisa associada por continuidade; ou, examinando-se o processo como um todo, de um caso de recalçamento acompanhado de substituição por algo próximo (seja no espaço ou no tempo). (FREUD, 1899, p. 290)

Analisa no texto uma cena infantil relatada por seu interlocutor, ressurgida em época posterior a sua vivência originária, interpreta os possíveis motivos e significados dos elementos presentes, mas, curiosamente, não questiona a sua exatidão. Até considera que, em outros casos, poderia se tratar de uma criação. Defende, portanto, a autenticidade da lembrança infantil em foco e a importância dos traços mnésicos que, no caso, teriam sido apenas acentuados, e não criados.

No seu caso, a cena infantil parece apenas ter tido algumas de suas linhas gravadas mais profundamente: pense na ênfase exagerada no amarelo e na qualidade excessivamente saborosa do pão. Mas a matéria-prima era utilizável. Não fosse por isso, não teria sido possível que essa lembrança particular, em vez de quaisquer outras, ganhasse acesso à consciência. Nenhuma cena desse tipo lhe teria ocorrido como uma lembrança infantil, ou talvez lhe ocorresse alguma outra — pois você sabe como é fácil para nossa engenhosidade construir pontes de ligação entre dois pontos quaisquer. E afora seu sentimento subjetivo, que não estou inclinado a subestimar, há mais uma coisa que depõe a favor da autenticidade de sua lembrança dos dentes-de-leão. Ela contém elementos que não foram solucionados pelo que você me disse e que, a rigor, não se coadunam com o sentido requerido pela fantasia. (FREUD, 1899, p. 300)

Ao investigar as lembranças infantis irrelevantes, Freud evidencia a riqueza de significados ocultos por trás de sua aparente inocência, disfarce ideal para conteúdos conflitivos sexuais. Destacamos, porém, como Freud enfatiza mais o esquecimento de um evento, a perda de uma lembrança/pensamento e menos a vivência/criação como um mecanismo recalçante. Mesmo quando considera a possibilidade de uma distorção da lembrança, como representações modificadas por processos inconscientes, defende, em inúmeros momentos de seu texto, uma autenticidade oculta passível de comprovação pela averiguação dos adultos. Qual a importância de sabermos que uma lembrança é fidedigna? Seria possível encontrarmos a verdade de uma recordação? O que a vivência de lembranças, mesmo distorcidas nos revelam?

Capítulo 3

3.1 “*The final cut*:” ver para saber o que se sabe sem querer

As lembranças encobridoras abordadas por Freud são, em todos casos, situações inocentes, banais, cotidianas. Sua recordação, para além de sua autenticidade, é questionada por uma aparente banalidade característica. As lembranças reflexas de situações traumáticas, de vivências aflitivas, por sua vez, são tidas como verdadeiras: nem sua exatidão, nem a necessidade de sua recordação causam estranheza⁷ para Freud.

Caso houvesse uma maneira de atestarmos a veracidade de todas nossas vivências, um material fidedigno que trouxesse o registro dos fatos ocorridos, o que encontraríamos? Uma interessante resposta para essa indagação pode ser extraída de uma história narrada em um filme de ficção científica intitulado “*The final cut*” (2004), cujo título foi traduzido por “Violação de Privacidade”.

Em uma sociedade futurista, uma empresa de tecnologia, EYE Tech, produzia um dispositivo, chamado Zoe, feito com material orgânico e que poderia ser implantado na retina das pessoas enquanto elas ainda eram bem novas. Com o passar dos anos, o implante se integrava ao sistema nervoso e, conseqüentemente, não mais podia ser retirado sem que o implantado morresse, ou acessado, enquanto estivesse vivo, sem lhe oferecer um sério risco de danos permanentes. O objetivo do implante era registrar todas as coisas vividas, vistas e ouvidas pela pessoa, gravando, assim, toda sua vida no formato de um filme.

⁷ Poderíamos inserir neste momento a discussão sobre o abandono da teoria da sedução em que Freud atribuía um status de veracidade às cenas de abuso sexual ao qual suas pacientes teriam sido submetidas. Abordar este assunto seria, porém, um desvio do nosso objetivo.

Como se tratava de um recurso bem caro e polêmico, nem todos possuíam o implante Zoe, ou porque não concordavam com sua utilização, ou porque não o podiam adquirir. Havia também aqueles que inutilizavam seu implante com a confecção de tatuagens magnéticas.

Quando o sujeito morria, o dispositivo era retirado, as informações extraídas e, o trabalho pelos chamados “editores”, podia ser feito. O editor montava uma apresentação com duração aproximada de duas horas, composta pelas principais cenas da vida do morto acompanhadas por uma trilha sonora emocionante. Essas cenas eram escolhidas a partir de uma entrevista prévia com o contratante do editor, normalmente, um familiar. O filme era então exibido em uma cerimônia conhecida como “Rememória” que ocorria após o enterro.

Havia um código que deveria ser seguido pelos editores com as seguintes regras: O editor não pode possuir um implante Zoe; vender ou dar o conteúdo de um implante Zoe e misturar conteúdo de diferentes vidas para uma Rememória. Era esperado que o editor selecionasse somente momentos marcantes e positivos. Deveria, por conseguinte, recriar uma vida ideal e bela que ocultasse aspectos reprováveis dos mortos. Para tanto, ele teria que saber excluir com seu equipamento de edição, chamado Guilhotina, vivências reprováveis tais como traição, brigas, prática de crimes, etc.

O editor mais conhecido por sua capacidade de fazer edições perfeitas, mesmo daqueles cujas vidas incluíam comportamentos reprováveis, é o nosso protagonista, Alan Hakman (Robin Williams). Alan, por ter uma capacidade inigualável em não se incomodar ao se defrontar com as coisas horríveis que as pessoas eram capazes de fazer e, simplesmente, excluí-las, se torna o editor mais competente para as Rememórias. Alan, diferentemente de outros editores, não contratava assistentes e fazia todo o trabalho de edição de forma manual, demonstrando total desinteresse por “quilhotinas” automáticas que atuassem com a mínima intervenção do editor.

Os filmes editados e as sessões de Rememória eram considerados por muitos como grandes mentiras. Manifestantes reivindicavam seu direito à privacidade perdida através das memórias das pessoas implantadas, defendiam a ideia da vida presente e questionavam a autenticidade da edição final, por serem escolhidas determinadas cenas e momentos, em detrimento de milhares de outros. Editores como Alan eram criticados pelo fato de transformar “monstros” em “heróis”, em pessoas perfeitas. Em sua defesa, Alan diz que mostra para as pessoas o que elas querem se lembrar. Preocupa-se, afirma, com os vivos. Em outro diálogo em que respondia à recriminações sobre seu trabalho, se auto nomeia “devorador de pecados”, uma figura de uma tradição antiga cuja função era absorver os pecados daqueles indivíduos considerados a escória da sociedade. De acordo com essa história, o morto era ornamentado com sal, pão e moedas e o devorador, para introjetar todas as coisas ruins feitas por ele em vida, comia o pão e o sal, e, como pagamento, recebia as moedas.

Sua capacidade é evidenciada quando fazia a edição para a viúva de um importante advogado da empresa EYE Tech, Charles Bannister. Tratava-se do primeiro implante de um membro da EYE Tech que havia transposto os muros da empresa e sido, sob decisão judicial, entregue para um familiar ter a opção de providenciar uma sessão de Rememória. A cena editada consistia no seguinte: o advogado entra no quarto de sua filha e diz que a ama. A menina responde que o ama também. O que foi cortado viria logo em seguida e consistia no pai chamar a garota para seu escritório e - fica subentendido, pois o filme não mostra essas cenas - abusa sexualmente dela.

Fletcher, um ex-assistente de edição que abandonara seu trabalho e se tornara ativista contra os implantes e contra a EYE Tech - após sua irmã desenvolver sérios problemas psicológicos e mergulhar em um isolamento absoluto vendo incessantemente as cenas não editadas do implante Zoe de seu filho que morreria aos 12 anos - pressiona Alan para que lhe

entregasse as memórias de Bannister. As cenas de sua vida serviriam para prejudicar a empresa, pois se tratava de material que comprovaria as fortes suspeitas dos crimes cometidos por ele, como a de que abusava de sua filha. Alan resiste e não abre mão dessa edição pelo que narraremos a seguir.

Alan era atormentado por uma lembrança de sua infância, cena angustiante que inicia o filme e é retomada inúmeras vezes por sua memória. A cena consistia num encontro com Louis, um amigo que conhecera quando ambos tinham dez anos de idade em uma viagem com os pais para o campo. Andavam por uma estrada e encontraram uma construção em reforma. Alan convida seu novo amigo para entrarem, o incentivando a explorar os perigos que lhes eram apresentados. Entram na casa cujo pavimento entre o primeiro e segundo andar estava ausente em alguns cômodos. Encontram uma espécie de fosso, parte em que de um andar dava para se ver o andar de baixo da casa. A travessia sobre um desses fossos era possível por meio de uma tábua que havia sido precariamente colocada ali. Sem hesitar, Alan decide atravessar e, destemido, segue se equilibrando. Quando chega ao outro lado, chama Louis que se recusa a ir, mas com os incentivos de Alan, aceita o desafio. Porém ele se apavora no meio da travessia e cai. Antes de cair pede ajuda a Alan que permanece imóvel. Alan vai até o andar onde Louis estava caído, encontra o menino sem vida e com uma enorme pouca de sangue brotando de seu corpo. Alan foge apavorado e não conta a ninguém sobre o ocorrido. Fica com a certeza de sua culpa pela morte de Louis, lembrança que, certamente, gostaria que fosse removida de sua vida.

Inesperadamente, ao fazer a edição da vida do mencionado advogado, vê em uma festa um homem que identificou como sendo Louis. Fica extremamente atormentado e decide não abrir mão da edição daquele implante, buscando, em nossas palavras, reeditar, em vida, a sua história.

Determinado a investigar o destino de Louis, faz novas entrevistas com a viúva de Bannister e sua filhinha e acaba descobrindo que Louis se tornara professor e não havia morrido naquela queda aos dez anos, mas, bem depois, em um acidente de carro. O que para ele era apenas a certeza de uma lembrança ruim, passa a ser uma questão de vida ou morte, cujo esclarecimento urgia. Resolve, então, averiguar se Louis havia possuído o implante Zoe motivado pela expectativa de poder acessar a lembrança infantil de ambos. Apesar de ser vetado a um editor visitar os registros das pessoas implantadas, ele consegue a invasão dos arquivos com a ajuda de um amigo.

Sua surpresa foi enorme ao descobrir que, na verdade, era ele quem possuía um implante Zoe. Não ficou sabendo do implante, pois seus pais morreram antes que pudessem lhe contar. Os pais revelavam para seus filhos a presença do implante normalmente quando faziam 21 anos. Decide, então, se submeter ao arriscado procedimento de acessar os registros de seu implante estando vivo. Viu nessa a oportunidade de saber exatamente o que ocorreu naquele tenebroso dia de sua infância. Surpreende-se ao ver que as coisas haviam se dado de um jeito muito diferente do que se recordava.

O registro era o seguinte: na mesma casa em reforma, assim que Alan faz a travessia pela tábua, fala para Louis que deveriam se encontrar no andar de baixo, pois a travessia não era mais segura e não o contrário, como lembrava. Louis não se intimida, apesar de seus alertas, e decide prosseguir. No meio do trajeto, pára amedrontado. Alan começa então a incentivá-lo a não parar. Louis desequilibra-se e fica pendurado e Alan tenta agarrá-lo sem sucesso. Depois da queda, Alan vai até o andar de baixo e derruba um balde de tinta - que em sua lembrança se transformara em sangue - e encontra seu coleguinha ainda respirando. Há neste ponto uma interrupção do acesso às memórias, pois Alan entra em colapso. Volta aliviado da experiência e percebe que sua memória estava totalmente distorcida.

Interromperemos aqui o relato da história de “The final cut”, por termos expostos elementos suficientes para nossa discussão. Recomendamos ao leitor que assista ao filme, por considerarmos fonte de muitas outras reflexões tão interessantes como a eleita por este trabalho.

Discussão

Podemos analisar os fragmentos dessa história enfatizando diversos aspectos igualmente interessantes. Começemos por problematizar os limites da autenticidade dos registros que possuímos, em contrapartida com a exatidão proposta pelo implante Zoe. Seria mesmo possível tamanha verossimilhança, caso existisse um recurso tecnológico desse tipo? Por que distorcemos nossas lembranças?

No filme, a precisão dos registros feitos pelo implante Zoe não é questionada. Assim, podemos deduzir, a mesma situação vivida por duas ou mais pessoas teriam as mesmas gravações vinculadas a elas. Somente algumas poucas memórias, que incluíam imagens e cenas curiosas e dissonantes com o contexto de sua aparição - influenciadas e alteradas pelas emoções, por imagens oníricas, alucinações, pensamentos projetados, e imaginações de diversos tipos - são consideradas exceções e falhas no implante. Como pensar nessa questão à luz da psicanálise?

Em um primeiro momento, a partir da leitura do texto de Freud de 1899, é possível se ter a impressão que o modo como aborda as lembranças de seus pacientes, bem como sua aposta na exatidão e autenticidade das imagens e dos traços mnêmicos registrados, seriam congruentes com um material recuperável e digno de um implante Zoe. Destacamos, todavia, como essa constatação se dissolve com afirmações como a do último parágrafo desse mesmo texto, citada logo abaixo, em que Freud questiona a precisão das lembranças infantis de forma

generalizada e que nos fazem, na esteira de seu raciocínio, expandir a “inexatidão” descrita para as demais lembranças que temos ao longo da vida.

O reconhecimento desse fato deve reduzir a distinção que traçamos entre as lembranças encobridoras e outras lembranças derivadas de nossa infância. Com efeito, pode-se questionar se temos mesmo alguma lembrança proveniente de nossa infância: as lembranças relativas à infância talvez sejam tudo o que possuímos. Nossas lembranças infantis nos mostram nossos primeiros anos não como eles foram, mas tal como apareceram nos períodos posteriores em que as lembranças foram despertadas. Nesses períodos de despertar, as lembranças infantis não emergiram, como as pessoas costumam dizer; elas foram formadas nessa época. E inúmeros motivos, sem qualquer preocupação com a precisão histórica, participaram de sua formação, assim como da seleção das próprias lembranças. (FREUD, 1899, p. 304)

Por outro lado, deixando momentaneamente de lado o questionamento sobre a possibilidade de uma precisão pura das imagens do implante Zoe, a experiência de Alan nos estimula, com auxílio da psicanálise, a refletir sobre a necessidade e motivos envolvidos em distorções como a vivida por ele.

Com uma rápida análise da história, podemos sugerir que a cena que Alan criou em sua mente foi, na verdade, fruto da culpa sentida por não ter chamado ajuda para seu novo amigo, tentativa de esconder sua imprudência na aventura. Hipótese possível e complementar é a de que sua distorção traduz algum desejo sádico de realmente fazer mal a Louis e, simultaneamente, a punição por esse desejo.

Alan criou, viu e reviveu inúmeras vezes uma cena que mostrava o que ele sentia, materializando incessantemente um desejo e, ao mesmo tempo, a punição por ele. Por outro lado, Alan, capturado por lembranças angustiantes que ansiavam elaboração, se torna um editor de Rememórias. Repetidamente se apropriava da vida alheia, via e apagava quaisquer erros, tentando, na verdade, por meio da exclusão dessas imagens, eliminar o sabido de sua história. Reencontramos uma situação em que o ver uma cena, ter certeza de sua autenticidade, faz com

que coisas sabidas sejam projetadas em cenas vistas. Além disso, nos defrontamos com a tentativa de se deixar de ver para se deixar de saber.

Retomando, assim, nossa articulação entre o desejo de saber e a pulsão escópica, indagamos por que Alan precisou produzir um saber onde tinha visto, onde aparentemente havia uma garantia do ocorrido. Exatamente onde haveria uma certeza do ver, a realidade registrada, foi justamente neste lugar onde alguma coisa falhou, supomos, por seu caráter traumático e catalisado por processos psíquicos, que outro saber foi produzido e somado a uma lembrança, distorcendo-a.

Pensamos naturalmente que, quando mais eu ver e puder ver, vou saber e, conseqüentemente, para deixar de saber, tenho que deixar de ver. A relação entre a pulsão escópica e o desejo de saber, posto que espontânea, reafirmamos, não é linear. Nossa problematização aponta, portanto, para a possibilidade de um processo do recalque menos evidente: a pulsão epistemofílica toma o lugar do ver, modificando-o. O que haveria de disruptivo e demoníaco no ver é recoberto pelo saber que recria o visto. Assim, a sinonímia forçada de que ver é saber, se daria, justamente para recalcar a ideia de que ver não determina o saber. O ver pode, inclusive, como demonstramos com a cena analisada do filme, com as lembranças encobridoras, como citamos com relação aos sonhos, servir para se evitar saber, em outras palavras, ver para não saber do que já se sabe sem querer.

Outro aspecto digno de consideração em nossa análise é se a cena que vimos trabalhando do filme seria uma lembrança encobridora. Ao contrário da cena angustiante da infância de Alan, as lembranças encobridoras são assim nomeadas, não por serem provocadoras de angústia, mas por serem banais e por terem a força de sua aparição no significado velado proveniente de outras representações que encontraram nelas a oportunidade de se apresentar.

A lembrança rememorada no filme é, portanto, o inverso do descrito por Freud com relação às lembranças encobridoras. Para ser uma lembrança encobridora, ela deveria ser dotada de um caráter cotidiano, aparentemente inocente, por um lado e, por outro, seria esperado que fossem dois os momentos registrados que justificassem sua apresentação: um em que ela tivesse sido vivida e outro posterior que despertasse o conflito psíquico que a resgata por encontrar nela elementos associativos de ressonância. Assim, a lembrança de Alan seria encobridora se sua memória consistisse em alguma cena banal da experiência vivida com Louis.

Aproximando-nos do encerramento de nossa discussão sobre “The final cut”, destacamos algo que nos parece precioso e digno de análise. Relembramos o leitor sobre o momento em que os pais informavam os filhos da presença do implante: como mencionado, essa notícia era dada, normalmente, apenas quando o portador atingia seus 21 anos. Sem que a pessoa pudesse se posicionar previamente a respeito, de súbito, descobria que, tudo que fizera em sua vida até então, estava registrado. A tatuagem magnética que citamos não tinha a capacidade de destruir os registros anteriores a sua confecção e, portanto, era impossível serem eliminadas as memórias do implante sem que a estrutura cerebral do implantado fosse também destruída.

Do lado dos pais, não podemos deixar de identificar uma decisão unilateral que, não obstante recoberta de boas intenções, era impulsionada, podemos sugerir, tanto por desejos egoístas que buscavam o prolongamento da existência de um objeto de amor por meio da permanência de suas memórias, como por desejos voyeristas e fantasias de onisciência. Apesar de ser claro que o acesso ao conhecimento gravado no dispositivo pressupor a morte do implantado, a possibilidade do saber sobre todos os movimentos do filho seria suficiente para

satisfazerem tais impulsos. Parece-nos, portanto, uma escolha perversa disfarçada por uma preocupação legítima com o registro da vida e o amadurecimento do portador.

Propomos por fim uma interpretação sobre o que representaria o implantado por Zoe, analogia evidenciada pelo detalhe do momento que o portador é informado de sua presença. Apesar de o implante ser feito nos primeiros meses de vida do sujeito, esse ficará sabendo apenas “tarde demais” sobre sua presença. Saberá tarde demais sobre um visto que foi excessivo, proibido, enigmático, num momento “só depois” de ter-se sido submetido ao passível de ser visto, inclusive, pelos pais. Quando o implantado se dá conta, já viu demais, viu o que não deveria ter visto.

Assim, salta aos olhos analogia possível do saber tardio do implante Zoe, com o saber tardio da sexualidade. A luz da Teoria de Laplanche da sedução generalizada, podemos lembrar como a sexualidade está posta muito antes que o amadurecimento biológico, correspondente ao plano auto conservativo, a possa suportar. Em outras palavras, o saber tardio sobre o sexual implantado pelo adulto, saber simultaneamente velado e explicitado por meio de mensagens enigmáticas, encontra paralelo com o tardio saber sobre o implante. Para exemplificar os efeitos do saber trazido pelo implante que podem ser, na mesma medida que o saber sobre o sexual, devastadores, disruptivos, mortíferos, podemos contar a trágica história de uma moça narrada em uma conversa entre editores logo nas primeiras cenas do filme. A moça em questão era extremamente rebelde, mal educada, usuária de drogas, resistente à escola, em resumo, alguém cujos comportamentos eram totalmente recrimináveis. Todavia, quando atinge seus 21 anos e fica sabendo que possuía um implante Zoe, transforma-se completamente: torna-se exemplar e amável, o inverso do que fora anteriormente. Passa pouco tempo e ela se atira do 27º andar de um prédio, inutilizando seu implante e, inevitavelmente, acabando com sua vida.

3.2 Ver para saber diferente: Analista ou Editor?

A análise, ao incitar uma constante visita a memórias, não raro bem antigas, propondo uma frequente visualização e reedição de coisas vividas, poderia ser equiparada a sessões de Rememórias? Seria, pois, o analista, um editor?

O filme resultante do trabalho de edição exposto nas sessões de Rememórias de “The final cut” se alinha à lógica da negatividade do não ver para não saber. Seria, portanto, convergente com o comum desejo de se esquecer de fatos ruins, excluí-los da memória, em busca da melhor maneira de anular seus efeitos prejudiciais e a angústia provocada por eles.

A proposta da análise seguiria por outros rumos, traduzida mais por uma positividade em que ver menos ou mais, ambos podem significar saber mais, mas sobretudo, saber diferente. Mesmo quando se sabe que não se vê tudo, reconhecem-se os limites do ver, do seu ponto de vista, juntamente com as possibilidades de outros saberes.

O saber diferente privilegiado pela análise pode sim incluir um ver, mas não mais um ver fixado: um contemplar por outro ângulo, uma reconstrução que permita elaborar eventos e vivências “imutáveis”. É preciso ver de fato e reconhecer as imagens gravadas, as representações do ocorrido, para sabê-las diferente. A análise faz querer ver mais para saber de outro modo, sem entretanto, apagar coisas ocorridas. Muitas vezes, provoca sim uma reedição do passado, um recontar da história, mas não por removê-lo, e sim por rever, revisar, revivê-lo. Neste sentido, até poderíamos chamar o Analista de editor e, as sessões de análise, de Sessões de Rememórias.

3.3 Sorria, você está sendo filmado!

Na contramão das recordações distorcidas, está a exatidão de registro ilustrada pelo implante Zoe. Seria o proporcionado por essa tecnologia futurista uma possibilidade distante de nós? Em que medida desejamos ter acesso à maior quantidade de imagens de nossa vida e do que acontece a nosso redor? Acreditamos em uma verdade passível de ser atestada?

Sem a pretensão de responder a essas perguntas, mas sim de apontar possibilidades de reflexão e futuros estudos, sugerimos, por exemplo, que a busca por uma verdade de fatos ocorridos, por uma realidade única a ser revelada, é sim uma meta social contemporânea. Evidenciando essa hipótese, pensamos, por exemplo, na crescente e característica demanda nos centros urbanos pela instalação de infinitas câmeras de segurança.

Analogia possível é também aquela que aproxima o proporcionado pelo implante zoe com o estilo de registro e exposição feitos pela vida moderna: as pessoas, com destaque aqui para a infância, têm suas vidas gravadas por filmes, fotografadas full time, desde a gravidez. Quais as repercussões libidinais para quem tem acesso a esse “imageamento” de si mesmo por meio de cenas tais como gravações intrauterinas, o parto, a primeira mamada? Acreditamos que a documentação excessiva de nosso tempo não anulará a necessidade que temos de distorcer, reviver e recontar nossa história. Mas, certamente, a existência de um registro (invasivo?), amalgamado por uma credibilidade, inclusive por ser em grande parte visível e por isso “verdadeiro”, terá seus efeitos.

Referências:

CAMARGOS, L. *Do ver ao perder de vista: a psicanálise do olhar*. Petrópolis, KBR Editora 2012.

FREUD, S. *Lembranças encobridoras (1899)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

FREUD, S. *Análise de uma Fobia em um Menino de Cinco Anos (1909)*. Rio de Janeiro: Imago, 1995. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud).

LAPLANCHE, J. *Novos fundamentos para a Psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes, 1992